



Ampliação d'uma fotografia de N. S. do Sameiro

Vidro e ampliação, oferta da Foto-Chic de Alberto Marques, e moldura oferecida pelos snrs. Sousa Braga & Filho

Braga, 17 de Novembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 347 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.ª da

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

A'S MÃES

Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FIGUEIREDO, L.da

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C.^A L.^{DA}

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

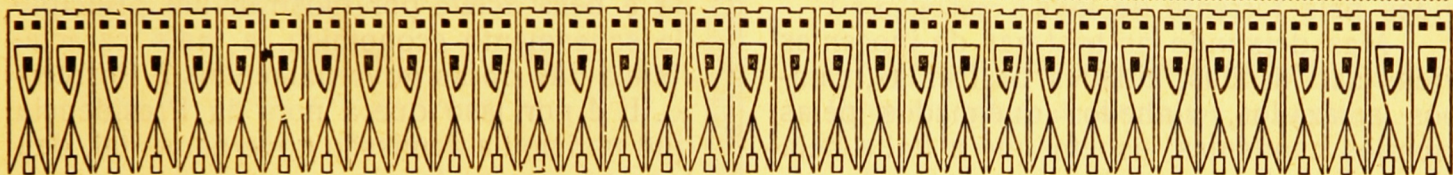
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

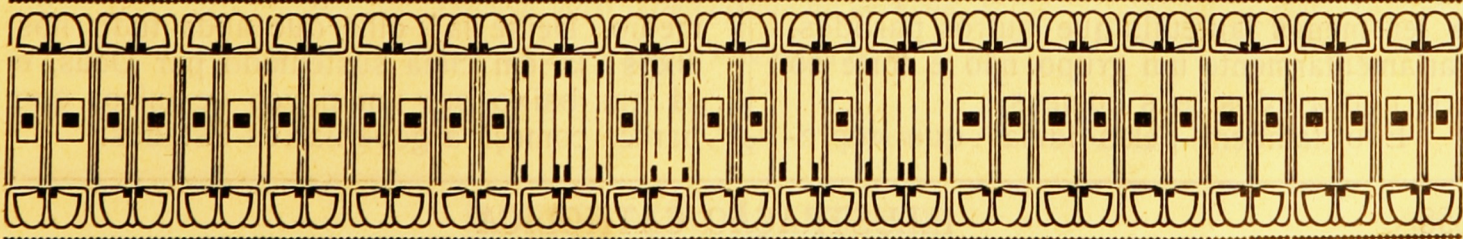
Braga, 17 de Novembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 347



BRAGA — Comissão promotora da ultima festa a favor da Creche de Braga



DA ultima cronica para cá os sintomas de crise universal desapareceram totalmente por se haverem constituido os governos que estavam em posição de interregno, a assinar simplesmente a papelada burocratica. A nossa longinqua parente a Romania, longinqua na posição geografica, proxima na origem iberica do seu povo, chamou o sr. Titulesco e os camponeses. A Espanha deu posse aos novos ministros, e não tem sido pouco festejados. A França e Portugal viram coroadas de exito as tentativas dos dois presidentes demissionarios, Poincaré e Vicente de Freitas, para a constutuição do novo ministerio. Dos países latinos só a Italia se viu livre de alterações politicas, mas essa anda a braços com outras mais graves, que são as dos elementos. O Etua está em erupção, a maior dos tempos modernos, e já povoações inteiras se tem visto submergidas pela torrente de lava.

Mas deixando as tristezas de inocentes vidas sacrificadas, cidades destruidas, campos arrazados, vinhedos queimados pelas escorias candentes, aspeto que a Italia bela nos oferece numa pagina lancinante da sua historia geografica, e que fazem recordar os horrores de Herculanium e Pompeia por outro vulcão italiano submergidas, repouzemos os olhos e o coração volvendo aos dominios da politica, hoje serena como nunca.

M. Poincaré caiu estrepitosamente porque os radicais-socialistas do Congresso de Angers retiraram ao governo a sua confiança. Mas os capacetes de aço franceses disseram que eles tinham salvo a França no front, sustentariam Poincaré no poder para que ele continuasse a salvar a França no erario. Estas vozes patrioticas foram ouvidas no palacio Bourbon, ninho dos pais da patria francesa. Pouco depois, apesar da retirada dos radicais, Poincaré tinha formado o gabinete, com a maioria assegurada nas camaras, pois a fragmentação em grupos oferece a vantagem de multiplices combinações. E de um sintoma interessante, haver 5 ministros de um grupo de apenas 18 deputados, — os socialistas — inferem os habituados a estas pequenas habilidades da politica, que uma parte dos antigos radicais-socialistas está disposta a deixar de parte o primeiro termo e passando para o grupo dos dezoito aumentará, esmagadoramente, a maioria governamental. Mais uma vez ficam burlados os que imaginaram a falencia da União Nacional francesa, só por esta ter menos fauteuils que outros partidos. Parlamentarmente um grupo não é forte só pelo numero dos seus homens.

E'-o tambem pelas ideias que repre-

senta e pela sua posição intermedia que permita, em varias conjuncturas, ser esse grupo, embora reduzido, o eixo de toda a politica nacional.

E não é isso, acaso, o que vemos em Portugal? Sem desprimor para nenhum dos ministros do nosso governo, composto, este como o anterior de homens que pretendem o bem nacional, e se consideram por escolha e determinação do exercito, representantes do pensamento e vontade nacionais, sem desprimor, repetimos, para nenhum deles, não é verdade que o sr. dr. Oliveira Salazar, educado politicamente no seio do mais reduzido grupo partidario, e levando para o gabinete o pensamento desse grupo — falando em linguagem parlamentar — tem-se mostrado o eixo da acção governativa? Não tem sido a obra das Finanças, discutivel como todas as obras humanas, mas acolhida e bem aceite por mostrar um principio de saneamento economico, a mais caracteristica das obras governamentais? Por certo. E é por isso que a nota da Presidencia que noticiou a demissão governamental, deu logo ao mesmo tempo a certeza de que permaneciam nos seus logares, como demonstrando a continuidade da mesma acção governativa, o sr. Presidente do Ministerio e o sr. ministro das Finanças.

Com razão, por isso, o sr. ministro da Justiça, ao tomarem posse os novos ministros, e falando em nome deles, dizia, usando então a toga expressões predilectas da espada, que era aquele acto simplesmente o render de uma guarda.

Vemos, pois, seguro e tranquilo o porvir, isto é sossegado. Os amantes da astrologia judiciaria atribuiriam isso a bom signo. E deve se-lo. O sol vai entrar em Sagitario, que no disparar de setas com que o pintam, deve ser de poder militar: os combatentes francezes lá tem o seu Poincaré, o exercito portuguez o nosso Salazar como afirmação explicita deste modo de explicar as coisas. Demais Jupiter anda agora em pleno ceu brilhantissimo, e deve ser prenuncio de tranquilidade do poder. Ali as *Novidades* é que disseram ante-hontem que Jupiter apresentava extranhas manchas vermelhas. Não creia nisso, amiguinha, isso são intrigas da opposição, queremos dizer carapetões que vem da America, parecidos ao que dois dias antes nos dizia de se estar acelerando a rotação da terra, como se os cronometros não seguissem dando-nos regularissimo o tempo medio. Deixe lá! olhe que anda tudo nos eixos: lá em cima sustentado por Deus, e cá em baixo por um pouco de juizo, que parece começa a governar os Estados.

S O R O R

«Nada substitue o amor dum irmão e duma irmã;
é a metade de nós mesmos.»

MGR. BAUNARD.

*Nunca me esqueces, minha irmã querida,
Nunca me esqueces, terno amor-perfeito.
E's um clarão do céu sempre em descida,
Plácido e virginal sôbre o meu peito.*

*E's um clarão do céu... No meu caminho
Roçam penumbras longas, longamente,
Só tuas mãos de seda, num carinho,
Sabem tocar meu coração doente.*

*Meu coração doente, de cansaço
Meu coração maguado, triste e langue,
Apenas quando está no teu regaço
Tem fôrças pra fazer girar o sangue.*

*E o meu sangue murmura mil canções
Dentro das veias rubras a estalar,
Se os teus dois olhos, como dois carvões,
Se lembram de cair no meu olhar.*

*Possues o enlêvo das auroras mansas
E o sortilégio doce das tardinhas.
Vives sempre a sorrir como as crianças,
Morres por imitar as andorinhas.*

*Tomba a noite. Um luar de neve assoma.
Estremece no lago, a água funda.
De fora, do jardim, vem um aroma
Que nos invade, surpreende e inunda.*

Chega a hora divina do silêncio.

*Chega o momento grave de rezar.
Quanto és formosa, então, que o sintas e pense-o
Quem fôr capaz de um anjo contemplar.*

*A tua voz é um eco recordante
De religiosas harmonias claras :
— Aura de arminho branco sempre errante
Como um soluço de oiro sôbre as searas...*

*Vi-te há dias chorar... Pura e serêna,
Esguia como a sombra duma palma,
O' minha frágil, cândida açucena,
Com sete espadas frias dentro dalma !*

*Vi-te há dias chorar... No largo pranto
Que te mudava e compungia a face
Havia a chama rútila do encanto
Que tôdas as manhãs no céu renasce.*

*Hoje, que fazes anos, não te olvido,
O' minha irmã, ó quasi minha Mãe!
Mas, mais que nunca, evoco em meu sentido
Tôda a doçura que de ti me vem.*

*Hoje, que fazes anos, ergo a Deus
Uma súplica ardente, muito viva,
De mãos voltadas para o azul dos céus,
Numa atitude gótica de ogiva,*

*Para que logo, na tardinha branda,
Para que logo, à bôca da noitinha,
Venham florir-te, à entrada da varanda,
As pétalas de Santa Teresinha !...*

JORGE : DO : SANTO : GRAAL.

BISPO DE BRAGANÇA

Saudação Pastoral proferida por Sua Exc.^a
Reverendíssima aos seus diocesanos,
por ocasião da entrada solene na dio-
cese, no dia 11 de Outubro.

(CONCLUSÃO)

ESTA e não outra é a bandeira que há de desfraldar quem-quer que nesta pátria abençoada queira revigorar os caracteres dos seus filhos, em vista de um futuro glorioso, integrando o presente no passado e tonificando os espíritos ao contacto dos grandes ideais e dos grandes exemplos de abnegação e patriotismo, que nos legaram os nossos maiores e que é necessário fazermos despertar do fundo do nosso ser, onde há perto dum século parecem dormir numa sonolência confrangedora...

* * *



VISEU — No Paço Episcopal depois de batizado o menino António, filho do Sr. Herberto Ruas, capitão medico. Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo de Vizeu, que ministrou o batismo, tendo à sua direita o Snr. Marquez de Faria, Camareiro secreto de S. Santidade e grande bailio em Portugal da Ordem do S. Sepulcro, padrinho do neofito.

(Fot. de Alipio Vicente)

A cruz! «Quais os lábios e qual a língua, exclama Santo Efrém, que poderão dignamente louvar esta muralha inexpugnável da ortodoxia, esta armadura vencedora do grande Rei Jesus Cristo? A cruz é a ressurreição dos mortos, a esperança dos cristãos, o ânimo dos vacilantes, a consolação dos pobres. A cruz é o freio dos ricos, a ruína dos soberbos, o triunfo contra os demónios. A cruz é o pedagogo da juventude, a abundancia dos indigentes, a esperança dos desesperados, o leme dos nave-

gantes, o baluarte dos combatentes. A cruz é a guarda da infância, o entendimento dos adultos, a coroa da velhice. A cruz é a luz dos que jazem nas trevas, a magnificência dos reis, a filosofia dos doutos, a liberdade dos escravos, a sabedoria dos ignorantes. A cruz é a prègação dos profetas, a companheira dos apóstolos, a glorificação dos mártires, a continência das virgens, a alegria dos sacerdotes. A cruz é a fortaleza dos fracos, o medico dos enfermos, a saúde dos leprosos, o vigor dos paralíticos. A cruz é o pão dos esfomeados, a fonte dos sitibundos, a confiança dos monges e o vestido dos nus. A cruz é o fundamento da Igreja e o sustentáculo da terra.

* * *

E eis porque, meditando nas responsabilidades que me impõem as preclaras virtudes dos meus ilustres antecessores e esta cruz simbólica, que sou obrigado a conduzir com amor e nobreza no meio de vós, caríssimos diocesanos, me acode espontaneamente aos lábios aquela ansiada súplica do grande Salomão, ao receber o poder das mãos de Davide, seu pai.

«Estou próximo da morte», diz David a seu filho já ungido Rei de Israel perante a multidão do seu povo em festa, «tu arma-te de valor e sê homem; observa tudo o que o Senhor teu Deus te mandou, andando pelos seus caminhos guardando as suas cerimónias e os seus preceitos e as suas ordenações e as suas leis,...

para que saibas o que fazes e para onde vais».

E eis que o Senhor apareceu em sonho a Salomão: — «Pede-me o que queres que eu te dê». E Salomão, confuso: — «Tu usaste de grande misericórdia com meu pai Davide, teu servo, segundo foi a verdade e justiça com que êle andou na tua presença e segundo a rectidão de coração para contigo, tu lhe guardaste a tua grande misericórdia e lhe deste um filho que se assentasse sobre o seu trono, como hoje o está. E

agora, ó Senhor Deus, tu me fizeste reinar a mim teu servo em lugar de Davide meu pai, mas eu sou um menino pequenino e que não sei por onde hei de sair nem por onde hei de entrar... Tu, pois, darás a teu servo um coração dócil para poder julgar o teu povo e discernir entre o bem e o mal... E foi aceita do Senhor esta oração».

Dai, Senhor, repetirei eu também com Salomão, dai, Senhor, ao vosso servo, «menino pequenino que não sabe por onde há de sair nem por onde há de entrar», um ânimo recto, um coração dócil à vossa graça e um ouvido atento às direcções do vosso Vigário na terra.

Volvamos, pois, os olhos, caríssimos diocesanos, e elevemos os corações até à rocha firmíssima do Vaticano donde o Pai comum, o Vigário de Jesus Cristo, o santo e sábio Pontífice Pio XI, observa, tantas vezes maguado e triste, o fluxo e refluxo dos povos que, como da praia as ondas do mar e da luz a borboleta, ora se afastam desalentados e ingratos, ora se apròximam confiantes e agradecidos da cruz de Cristo, pôrto único de salvação, farol esplendente levantado no meio da história para alumiar permanentemente o mundo — o mundo ao qual, na frase do nosso poeta, ela trouxe «a liberdade e o progresso», o mundo que se movimenta incessantemente a seus pés, como a terra em volta do sol que aquece e ilumina: — *stat crux dum volvitur orbis*.

E, depois de recorrer a Deus e ao seu Vigário na terra, voltemo-nos também para o nosso venerando Metropolitano, a quem o Santo Padre, na Bula em que lhe comunicava o provimento da Igreja de Bragança, instantaneamente recomenda o vosso Bispo e a sua Igreja, a fim de que «lhe preste o seu valioso auxílio em tudo quanto se refere ao mais fácil e proveitoso govêrno dela». Sendo já altamente crêdor da vossa estima e gratidão de trasmontanos, assim por ter concorrido para acelerar o progresso espiritual e temporal desta característica e esperançosa província com a criação da diocese de Vila Real, que é obra sua, como por ter fundado nela, em sua terra natal, uma instituição providencial, que vem sustentando com muito carinho e desvelo, a qual há de largamente contribuir para o engrandecimento da região trasmontana e para o progresso geral do país, ainda S. Ex.^a Rev.^{ma} nos quis dar um outro testemunho particular da sua predilecção pelos bragançanos, vindo honrar com a sua presença pessoal esta cidade e diocese, na entrada do novo Bispo.

Trasmontano pelo nascimento e pelo affecto e portanto de coração magnânimo e aberto a todos os empreendimentos nobres e alevantados, capitão dos mais esforçados, chefe prestigioso coberto de cicatrizes e de loiros conquistados nas árduas e incessantes refregas travadas com indomável denôdo em favor da santa Igreja e em benefício da sua pátria, a sua presença aqui, se representa uma honra para os seus sufragâneos, é para o vosso Bispo, que durante anos foi testemunha presencial das suas acrisoladas virtudes individuais e pastorais, um motivo de indizível confôrto, que o alenta e anima a carregar afoitamente com a sua cruz, após tamanho modelo de Apóstolo, de Prelado, de português e de trasmontano. Por esta insigne distinção, que se dignou de conceder ao seu humilde sufragâneo e a tôda a diocese bragançana, aqui



VIZEU — Feira Franca — As concorrentes ao concurso de trajos regionais

Lhe rendo públicamente os meus vivos agradecimentos.

* * *

E a vós, finalmente, queridos diocesanos, eu saúdo de todo o coração e abenço paternalmente no Senhor, com as minhas melhores bênçãos.

Saúdo o Cabido desta Cathedral, senado e conselho nato do seu Bispo, a quem já me ligam sentimentos de muita gratidão; saúdo o Seminário diocesano, que é bem a «pupila dos olhos» do seu Prelado, porque é dali que sobe para as almas a seiva renovadora da vida espiritual da diocese; saúdo todo o clero em geral, parte bem notável do abnegado, do heróico clero português, que, sendo o colaborador mais chegado ao seu Prelado, é também naturalmente aquele que mais de perto quinhoa das suas ale-

grias e tristezas e mais directamente recebe o influxo da sua cruz, geradora do zêlo do apostolado; saúdo todas as corporações e entidades que trabalham no campo da instrução religiosa, no da caridade, ou no da beneficência cristã nas terras da minha diocese; saúdo sem reservas tôdas as auctoridades civis e militares nela legitimamente constituídas, que a tôdas manda S. Paulo honrar como depositárias que são de um poder que vem de Deus, e lealmente lhes ofereço desde já o meu desinteressado concurso em tudo quanto esteja na alçada do Prelado, certo de que havemos de saber colaborar harmònicamente e com êxito para o bem espiritual e temporal desta região e do país; saúdo os empregados do Estado e das autarquias locais da minha diocese como aqueles que de officio e mais de perto trabalham e se sacrificam pelo bem público temporal; saúdo, enfim, de todo o coração, a todos quantos foram pelo Vigário de Jesus Cristo na terra confiados aos meus desvelos e cuidados pastorais, e que são, de facto, e sem distinção, no dizer expressivo do Apóstolo, a «minha alegria e a minha coroa».

* * *

Incumbido duma missão tôda espiritual no meio de vós, não quero para mim outro programa senão o que tomou S. Paulo para lema do seu ardente e fecundo apostolado. Abrasado o grande Apóstolo no fogo, que o devorava, do amor a Jesus Cristo crucificado, nada mais fazia em suas prêgações do que abrir o precioso livro da cruz, e, com singeleza e amor, explanar a sua doutrina aos doutos e aos ignorantes, aos justos e aos pecadores, porque nele encontram, seguramente, «os primeiros, a luz do espírito e a tranqüilidade do coração, e os segundos, a a alegria e a compunção».

Que a cruz volte a ocupar o lugar predominante que lhe compete no santuário augusto e misterioso das almas, donde uma rajada de estéril naturalismo estrangeirado a tentou derrubar, deixando-as ao abandono e no sobressalto!

Que ela volte a ser arvorada no lar doméstico, na oficina, na casa de negócios, no gabinete do homem de sciência, do letrado, do escritor, do professor, do advogado e do médico, na escola, no tribunal, no santuário das leis... com o mesmo carinho e confiança com que a colocavam os nossos maiores nas caravelas e no estandarte nacional!

Cristãos! Três vezes fomos no baptismo assinalados com o sinal da cruz de Cristo e uma vez na confirmação. A primei-

ra, na frente e no coração, para que ficasse bem assente que pela cruz fomos resgatados; a segunda, com óleo santo, no peito e entre as espáduas, para significar que devemos amar-nos de agilidade e de fôrça para as lutas da vida espiritual, como outrora os atletas para as da arena; a terceira, no alto da cabeça, com o santo crisma, para que nunca nos possamos esquecer de que fomos consagrados, como os antigos reis e profetas, ao serviço do nosso Deus e Senhor; e, finalmente, na confirmação fomos marcados na frente, com a unção do santo crisma, em forma de cruz, para indicar que, constituídos soldados de Cristo, jãmais podemos envergonhar-nos da sua bandeira, que é o lábaro da santa cruz. Em nenhuma circunstância da vida cometamos essa fraqueza, que nos degradaria aos nossos próprios olhos. Como o soldado, que prefere cair gloriosamente a expor a sua bandeira às profanações do inimigo, soldados ajuramentados de Cristo, também nós devemos empunhar animosamente o seu estandarte, amá-lo com todo o ardor da nossa alma e correr a defendê-lo onde quer-que seja atacado. Na vida pública como na vida particular, vivamos integralmente a nossa fé. Sejam, ainda neste ponto, da têmpera daqueles antigos portugueses que timbravam de ter

«... um só parecer,
um só rosto e uma só fé,
de antes quebrar que torcer»

— o parecer, o rosto e a fé do cristão!

E' a nossa fé, que felizmente professamos na vida particular, assaz nobre, assaz pura, para que haja de se encobrir com uma máscara e aparecer na vida pública muito outra do que realmente é, ou para que haja de desaparecer dela, envergonhada.

Marchemos, pois, de frente descoberta, e desfraldemos afoitamente ao vento da liberdade o nosso pendão, aquele mesmo que desde o princípio andou enlaçado com o da nossa pátria, que flutuou vitorioso nas caravelas portuguesas e fulgura ainda nas asas gloriosas dos aviões lusos, aquele mesmo que o vosso Bispo, fraco mas dedicado capitão, leva pendente do peito através da vossa diocese, como o melhor programa de vida cristã, capaz de elevar as almas aos maiores heroismos — os heroismos dos Mártires, das Virgens e dos Confessores — e de transformar esta terra trasmontana em formoso e odorífero jardim, onde revivam e para sempre vicejem as sólidas virtudes e as autênticas glórias dos seus dias mais felizes de antanho. Tal é suprema aspiração do vosso Bispo.

≡ O ROSARIO DE FREI ANSELMO ≡

O MESTRE de musica de Maria Antonieta, Gluck, era tão bom musico, como bom católico. Nascido de pais pobres, mas católicos cheios de zelo, deveu a uma feliz circumstancia o perseverar na fé e religião dos seus.

Gluck, como o maior numero dos musicos desses tempos, principiou a aprender a sua arte, debaixo das abobadas duma basilica. A voz do menino do côro era tão bela, a sua expressão natural tão encantadora, que o numero dos fiéis augmentava consideravelmente, todas as vezes que o menino Cristóvão tinha de cantar.

Um dia, que Cristóvão Gluk saía do côro depois de ter cantado admiravelmente, veio-lhe ao encontro um pobre religioso, que com os olhos ainda humidos o apertou ao seu coração, e, dando-lhe os parabens pelo seu talento, lhe disse: Ah! eu não tenho aqui presente algum para te dar, meu amiguinho, em sinal do meu entusiasmo, a não ser este rosario! . . .

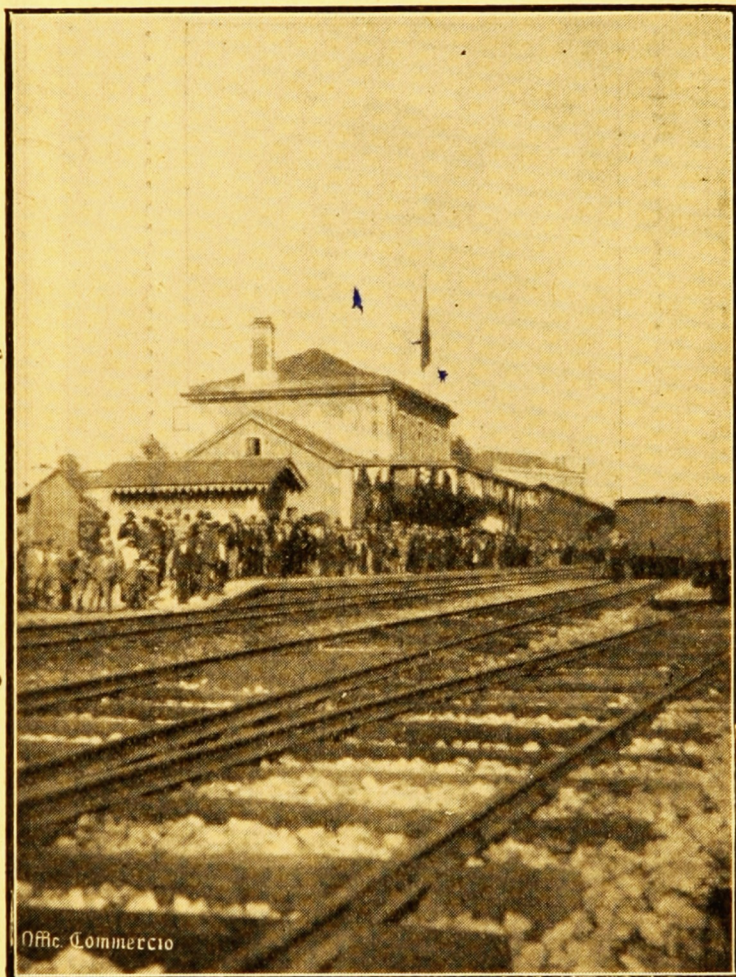
Guarda-o, como lembrança de Frei Anselmo, e promete-me que o rezarás todas as noites em honra da Mãe de Deus. Esta prática devota te dará grande felicidade, meu bom amigo, e até, se nela fores constante, o céu, (tenho este presentimento) abençoará os teus esforços, serás grande neste mundo diante dos homens, e digno, um dia, de ouvires os celestiais concertos.

Cristóvão, maravilhado e estimulado pelas palavras do frade, tomou com todo o respeito o rosário das mãos do religioso, mirradas não tanto pela idade, como pelas penitencias, e prometeu reza-lo, toda a vida.

Aos quinze anos o joven Gluk tinha já dado a seus pais evidentes provas dum talento assás precoce, por isso seu pai, já carregado de numerosa familia, não fazia grande opposição ao projecto, que Cristóvão tinha de ir a

Roma, para ali continuar a aperfeiçoar-se nos estudos da sua arte. Mas como fazer a viagem? Sósinho, sem meios, ir da capital austriaca até à do mundo católico? Outro, que não fosse ele, teria renunciado ao seu projecto, julgado impraticável por tantos motivos.

Não desanimou; cheio de confiança na protecção da Rainha dos Anjos,



EM BARCELOS — O povo da nova cidade, esperando a excursão dos jornalistas do Porto na gare da estação

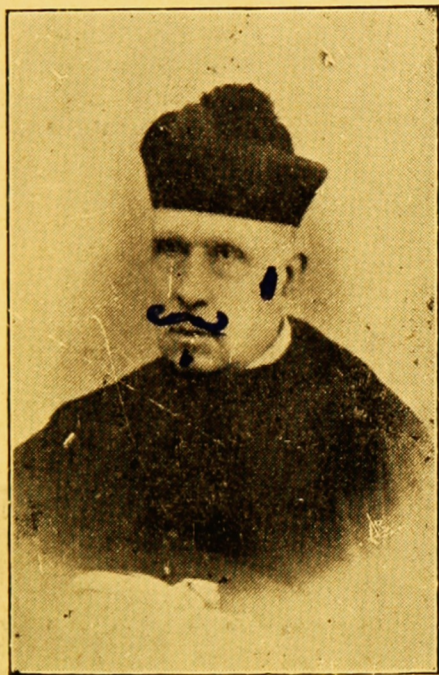
(Fot. de Santos Lima.)

aquele que mais tarde devia ser o valido das duas rainha terrenas, e o musico, que Maria Tereza e Antonieta de Austria admitiram nos seus paços, rezaou ainda com mais devoção a saudação do anjo, pelo pobre, mas precioso *Rosário de Frei Anselmo*.

Uma tarde, que Gluk, seguindo o seu piedoso costume, acabava de se fortalecer com a reza do Rosário, bateram

à porta da modesta casa de seus pais... Era o mestre da capela de Santo Estevão de Viena, que, tendo sido encarregado de ir à Italia fazer a coleção das obras de Palestrina, vinha por parte do arcebispo pedir ao pai de Cristóvão que consentisse que este fosse com ele na qualidade de seu secretário.

Julgue-se qual seria a alegria de Gluk! Esta licença foi concedida com as lágrimas do agradecimento, e poucos dias depois Cristóvão seguia a estrada de Trieste, em companhia do seu bom e sábio mestre.



Cónego António Augusto Rodrigues, natural de Bragança, uma das figuras primaciaes da Corporação Capitular da Sé de Braga

Sempre fiél a quanto tinha prometido a Frei Anselmo, Cristóvão não deixava, um só dia, a reza do rosário, precioso talisman, que, mais duma vez, o defendeu eficazmente.

Voltando a Viena, viu-se, com o andar do tempo, cheio de honras na corte de Versailles; sabia afastar-se das doçuras do descanso e do esplendor e evitava as conversações, para ir rezar nalgum canto das salas do paço (onde já era admitido ao tracto das maiores personagens) o rosario, ao qual ele chamava o seu breviário de musico.

Foi nestas santas disposições que passou toda a sua vida, e a sua mão,

que o tinha immortalizado, escrevendo o triste e lirico *De profundis*, conservava ainda já bastante usado o rosario de Frei Anselmo, no dia, em que, ferido duma apoplexia fulminante, o famoso artista dava a sua alma a Deus.

Não foi só Gluck, que entre os compositores alnanos se assinalou na devoção da reza quotidiana do rosário. Mozart, seu emulo, era muito exacto nesta devota prática.

Refere-se deste mesmo Gluck que passando por Zurich, onde residia Lavater, o celebre fisionomista, que, pelas caras lia os corações e os seus mais reconditos cantinhos, foi visita-lo movido de curiosidade.

O sábio estava no seu gabinete; fita a vista dos seus olhos azuis cheios de bondade, vista fina e penetrante, e depara com um desconhecido a quem cumprimenta com modos muito agradaveis, perguntando-lhe quem era.

— Quem sou eu eu? responde Gluck sorrindo. Podia melhor dizer-lhe aquilo que eu quero ser; mas o que eu sou não o sei eu; Lavater é a quem incumbe dizer quem eu sou e o que sou.

Costumado a tais intimações, o fisionomista começou a examinar as feições do estrangeiro. Depois de alguns minutos, disse:

— E' um musico.

— Musico sou, é verdade; mas isso dito assim é uma cousa muito vaga.

— Então espere, vamos a vêr; é musico compositor.

— Mas compositor de que?

— Oh isso é ser muito exigente!... E' um compositor dramático... as suas obras distinguem-se pelo *vigor, energia e ousadia*, grandeza de ideias... Mas espere um pouco...

Lavater foi buscar um livro à sua estante e o abriu mostrando-o ao seu interlocutor.

E' o autor desta partitura...

A partitura era a *Queda dos Gigantes* do próprio Gluck que estava tendo uma aceitação admirável.

Tudo isto podia ser sem ser maravilha.

POENTES DE OUTONO...

POENTES de Outono, ponte lilazes, poentes de oiro e carmim, poentes de maravilha e de sonho!

Na sua dolência nostálgica, onde uma vaga eflorescência de saúde reçume, nas suas tintas ricas de esplêndida harmonia plástica, de profunda e ungitiva suavidade religiosa, entrevê-se um não sei quê, de encantadoramente ideal, que nos empolga.

Lindos poentes de outono!

Vagarosamente se desprendem as folhas das árvores altas, amarelecidas e sêcas, pavimentando de tons elegíacos as descoloridas alfombras. Lufadas glaciais sopram, às vezes, chicoteando as carnes lívidas dos pobrezinhos, azorragando, trêdas, as desbotadas flores dos crisântemos tristes...

E, então, no pinhal umbroso, desgarram-se melodias estranhas que são corais de ondas em orquestração melancólica...

Mas o vento serena enquanto um silêncio de expectativa e desamparo se estende por montanhas e campos. Romarias de asas ebúrneas cortam o azul esmaecido, na placidês veludínea da tarde, em demanda dos pombais gasalhosos.

Uma que outra canção perpassa em ritmos embaladores, impregnada de mestos acentos...

São as cachopas que tornam da fonte — cantarinhos de argila a trasbordar, alegres — para de água límpida proverem a sêde dos lares.

Chocalhos vibram ao longe de ovelhas e gados rumando aos apriscos.

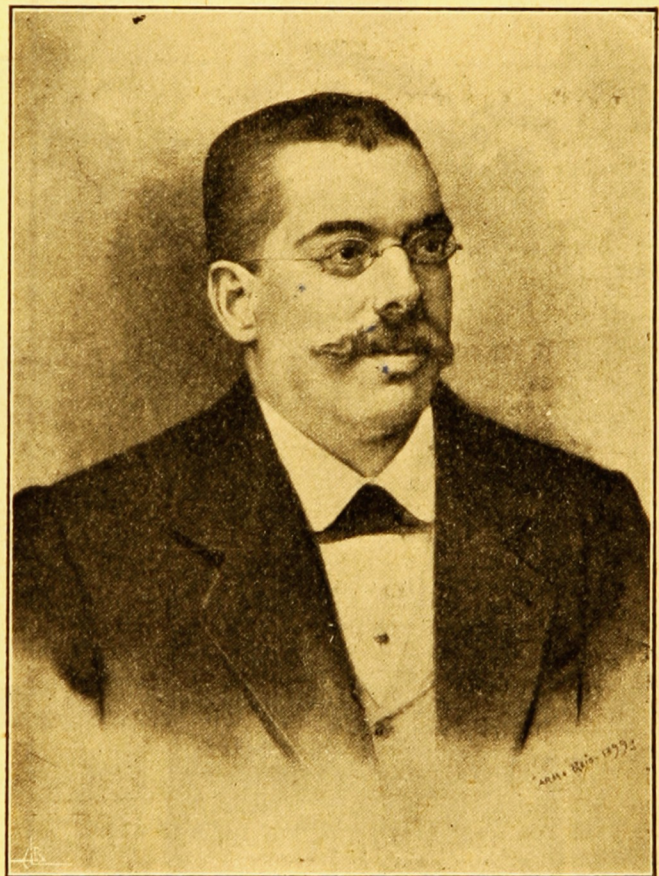
Por vezes, quando o silêncio cai das alturas estendendo o seu amplexo amoroso à terra friorenta, lá se escuta o gemebundo soluçar das águas derivando pressurosas, através as lages recavadas dos córregos ou as poldras dos leitões em declive.

Nos outeiros levantinos mordem os últimos lampejos do sol, em agonia lenta...

Febre de morte, nas fugitivas incandescências que laivam de angústia os rochedos nús. Das árvores tombam fôlhas regeladas, hirtas sob a neve translúcida.

Dos lares sobem novelos de fumo que a aragem torce e esgarça para mais longe se perderem nas solidões do espaço.

Línguas de fogo crepitante erguem-se das lareiras, em reza...



Dr. Manuel Joaquim Gonçalves (Pai)
Presidente da Camara de Vieira

Expiram no ocaso, as derradeiras scintilações doiradas. Há frémitos estranhos de fôlhas roçagando os ervaçais recolhidos, em prece íntima.

Mas o silencio volta mais fundo. Presente-se, como em passos de seda, o avançar da noite.

Tange um sino.

Hora mística de inefável, paradisíaca ventura.

E o sino tange, espaçadas, sonoras, as nove badaladas do *Angelus*.

Avé Maria...

O sol desapareceu. Nos lares, fecham-se as portas.

Dião... Dião... Dião...

Percutem e repercutem, de outeiro em outeiro, as vibrações do bronze.

Avé Maria... Cheia de graça...

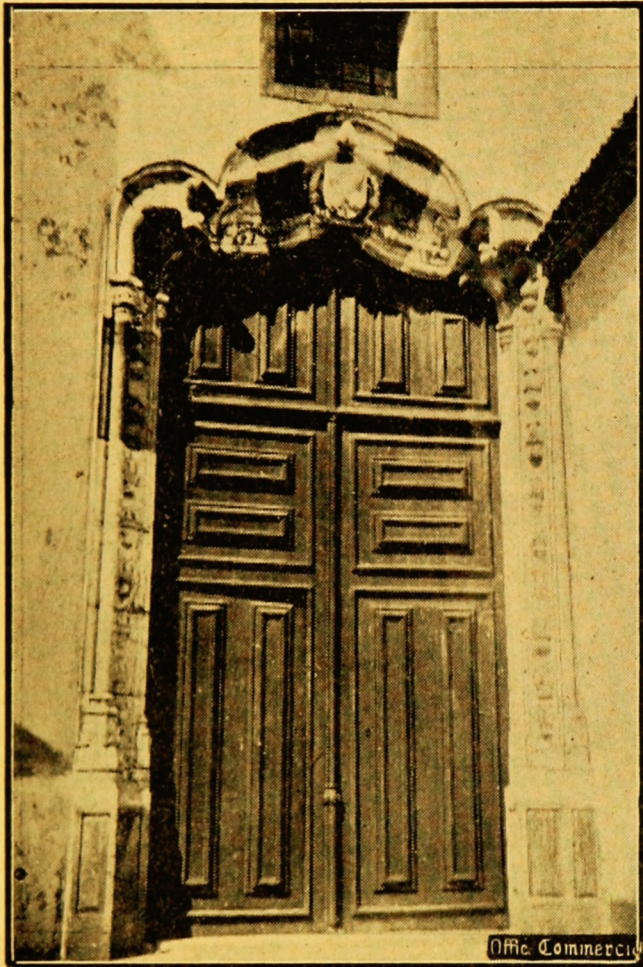
O Senhor é convosco...

Erguidos, em tórno do lume, postas as mãos em devoção e fé, os simples rezam no conchego inesfável.

Bendita sois Vós entre as mulheres.

Bendito é o Fruto do Vosso Ventre

Jesus.



VILA DO CONDE — Porta principal da Igreja de S. Francisco, construção em pedra ançã e em estilo Manuelino sec. XVI

(Foto Amador Humberto Lima)

As labaredas reverberam, mais fulvas, como línguas de oiro implorando o Céu!

Dião... Dião... Dião...

No mesmo suave recolhimento os cristãos oram:

Santa Maria... Mãe de Deus...

Não há quadro mais lindo. Pelas defumadas paredes tremulam clarões de ternura e amor.

E o sino badala ainda:

Dião... Dião... Dião...

Ultimas revoadas de som cruzando os silencias da abobada silente...

E as vozes rústicas da gente da aldeia prosseguem suplicando:

Rogai por nós... pecadores... Agora e na hora da nossa morte... Amen.

Cai a benção do céu nos lares humildes. O candil acende-se.

Na mesa de pinho do lavrador, estende-se a áspera toalha de estopa. Ao centro, a borôa de pão milho. A infusa de argila guarda o vinho que alegra e vivifica. Já as tigelas de barro fumegam. Vai começar a ceia.

O céu refulge de estrelas e só, de quando em vez, uma aragem fria recorta o silencio meditativo, agitando as folhas das oliveiras.

Suaves poentes de outono!

Deliciosos poentes de maravilha!

Como sois lindos! Como sois lindos!

Verão de S. Martinho de 1928.

— Braga —

ARNALDO BEZERRA

A CRISE MINISTERIAL FRANCESA

Foi em julho de 1926: Os ministérios-relampagos sucediam em Paris, não só descreditaando o parlamentarismo e até o regimen, como arrastando o paiz para uma *débacle* inevitável, como no financeiro e económico.

Quando já se falava abertamente em ditadura militar e as figuras mais prestigiosas do Exército eram as primeiras a conceder entrevistas em que defendiam esse ponto de vista como indispensável ao ressurgimento da França, eis que num desses gestos de que Poincaré tem o segrêdo do triunfo, se forma o chamado govêrno de União Nacional, que, com a colaboração dos principais partidos da República, se propôs erguer a França ao nível de prosperidade que a política funesta da chicana partidária comprometera gravemente.

E consegui-o. Aí estão a atestá-lo: em primeiro lugar, a formidável obra de revalorisação do franco, que denota, na verdade,

um notável talento ao serviço da ideia da Pátria; e, depois, o pacto naval franco-britânico, inegável triunfo diplomático, além de numerosas outras vitórias.

Durante perto de dois anos e meio, o governo da União Nacional manteve-se à frente dos destinos da nação e, contando com uma maioria esmagadora tanto no Parlamento como na opinião pública, conseguiu sempre fazer vingar os seus pontos de vista.

De súbito, quando a sua missão estava mais e melhor arregada no espirito de todo o bom francês, eis que a atitude do congresso radical de Angers o derruba, embora ela não tivesse importância para tanto, conforme o declarou a imprensa e as duas casas do Parlamento, excepção feita da extrema esquerda e do grupo radical, que sempre se manifestou contrário ao ministério.

Como se sabe, contava este com toda a votação dos seguintes grupos da Câmara: conservadores, União Republicana Democrática, republicanos da esquerda, republicanos-radicaes, e radicaes-socialistas (a maior parte).

Contra, tinha apenas a minoria dos radicaes-socialistas, que, todavia, se abstinha sempre quando se tratava da votação dum projecto governamental, fora do escrutínio secreto; os republicanos-socialistas, os socialistas e os comunistas.

A totalidade de votos a favor permitia ao sr. Poincaré contar com uma maioria absoluta, que mais se evidenciou com a recente eleição do novo Parlamento.

Pois, agora, que nada fazia prever a queda dum gabinete apoiado por cerca de 450 votos numa Câmara de 600, é que a atitude inesperada do congresso radical de Angers ocasiona essa *débaçle*, de algum modo funesta para o momento de acuidade política que a França atravessa.

No dia 3 do corrente inaugurava-se em Angers, pequena cidade do departamento de Maine-e-Loire, o congresso dos radicaes franceses (radicaes e radicaes-socialistas), com a assistência dos quatro ministros militantes, srs. Herriot, Albert Sarrant, Quenille e Perrier.

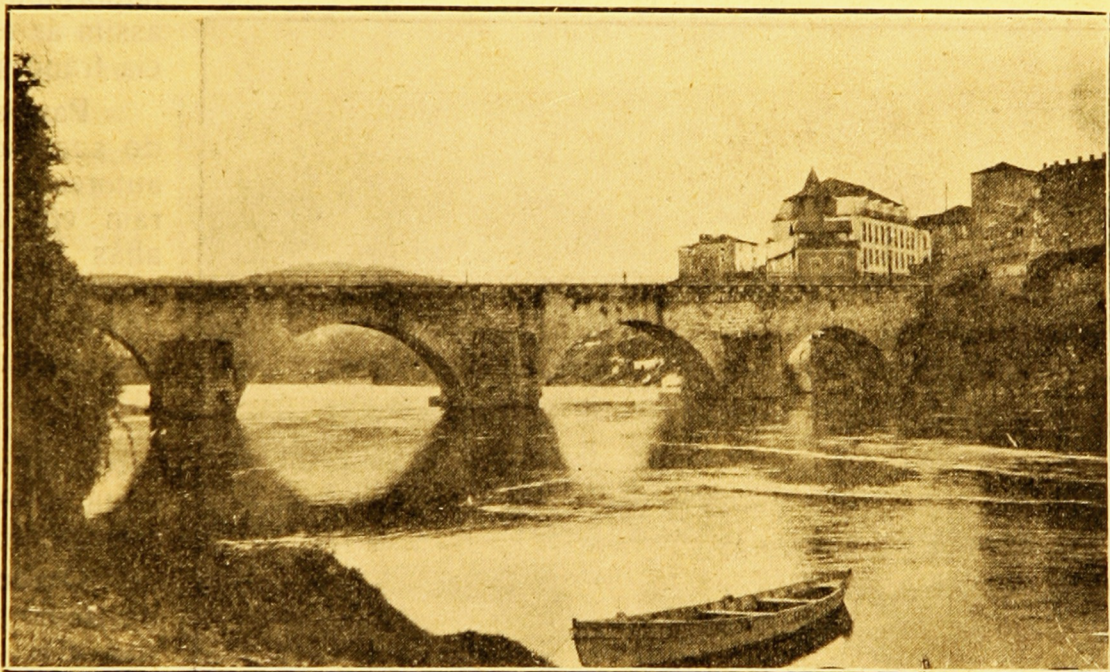
As duas correntes do partido iam de-

frontar-se: dum lado, os moderados (a maior parte) que seguem fielmente a forma de actuar do sr. Herriot; do outro os «jovens turcos», como são apelidados nos corredores da Câmara, isto é — a ala esquerda chefiada por Caillaux e Malvy.

Logo no dia seguinte ao da abertura, o sr. Montigny, do grupo extremista, submeteu à comissão geral do partido uma ordem do dia fixando o seu programa, que impunha uma espécie de mandato imperativo aos eleitos, proibindo-lhes pertencer a um governo que não se conformasse com essa ordem de ideias.

E, logo em seguida, surgiu outra moção ainda mais grave: um aditivo do sr. Garnier lançando o anátema sobre a União Nacional.

Abramos aqui um parêntesis. O congresso reuniu com um objectivo aparente



MINHO — Uma paisagem de Paredes de Coura

mas falso e outro oculto mas verdadeiro. O aparente foi o da confraternização partidária e discussão do momento político, dentro das normas constitucionais; o oculto, pelo menos dos partidários de Malvy e Caillaux, incidia sobre a União Nacional e a vontade de a derrubar.

A norma seguida pelo sr. Poincaré, principalmente na parte respeitante à questão religiosa, não convinha de forma alguma aos interesses das clientelas de homens que já estiveram a ferros da justiça, por suspeitas — e fundadas — de traidores à Patria (conhece-se a negra história de Caillaux e Malvy).

A lei sobre as congregações mandava que elas fôsem de novo autorizadas a manter em França escolas de missionários, que iriam depois espalhar a civilização pátria pelas regiões aonde o laicismo e a obra der-

rotista dos estrangeiros a haviam comprometido.

Assim o compreendeu Poincaré, assim o compreenderam os seus colaboradores: a obra missionária era ainda a melhor para servir a Patria e como o programa da União Nacional visava a isso simplesmente, não hesitaram em readoptá-la.

Pois foi à volta desta questão que o «guet-apens» de Angers se desenvolveu, aproveitando-a os «jovens turcos» do radicalismo para acusarem o govêrno de pactuar com os católicos e os conservadores.

Ante a gravidade da moção Montigny e do aditivo Garnier, cuja ractificação pelo congresso teria arrastado a demissão imediata do govêrno, o sr. Herriot subiu à tribuna e, num discurso eloquente, varreu por momentos o perigo.



VILA VERDE — Um aspecto da entrada da vila

E' curioso, então, vê-se Herriot, — o Herriot anti-clerical, o Herriot que se evidenciou aqui há quatro anos pelo seu feroz ataque aos sentimentos católicos da Alsácia, — responder nos seguintes termos a um congressista que disfarçadamente lhe exproba a pertencer a um govêrno que admitia as missões religiosas:

— Então não é preferível que os territórios franceses sejam civilizados e instruídos por missionários, que se sentem animados pelo espírito supremo do patriotismo, do que sabê-los entregues às mãos de estrangeiros desnacionalisadores?

Com a sua intervenção, o sr. Herriot conseguiu que fôsse retirado o aditivo Garnier, aprovando-se unicamente a moção Montigny, que, no entanto, foi apenas encarada como simples amostra da doutrina do

partido, em nada atentando contra a existência, no presente momento, da União Nacional.

Mas, esta hipótese não ia tardar a ser desmentida pelos factos.

Aproveitando a partida dos ministros que tinham sido obrigados a partir para Paris, afim de aí assistir à reabertura das Câmaras, a fracção anti-ministerial resolveu tomar a sua desforra e, numa inesperada sessão noturna, faz provar por uma devotação de surpresa o seguinte aditivo proposto pelo sr. Hulin à declaração final do partido:

«O congresso afirma unânimemente, parlamentares e militantes, que a execução do seu programa não pode ser assegurada com a fórmula da União Nacional. Sòmente a política da união das esquerdas em volta desse programa é capaz de assegurar a sua importante tarefa e responder assim ás exigências da democracia francesa».

Para se assegurarem melhor do sucesso da sua manobra, os autores dum tal texto não hesitaram em mentir ao congresso, aliás já reduzido a menos de metade dos seus componentes — devido à partida dos moderados com os quatro ministros —, afirmando publicamente que, consultados êstes pelo telefone, recebera-se em resposta a sua completa adesão, o que era absolutamente contrário à verdade.

O congresso compunha-se de 2.000 delegados; foram apenas 400 que votaram o aditivo Hulin, mas o sr. Herriot e colegas, sentindo-se desautorizados, apresentaram a sua demissão.

E, assim, pelo gesto anti-patriótico e revelador de interesses escuros da minoria do radicalismo, a França está a braços com uma crise que a afecta profundamente.

CARLOS MACHADO.

Pensamentos

Perdemos sempre a amizade daqueles que perdem a nossa estima.

*

Os espiritos simples e sinceros só em parte se iludem.

*

A indulgencia é um elemento da justiça.

O «Sourir»

O «*Sourir*» é um cãesinho pequeno, castanho claro, felpudo, sem raça definida, pertencente a umas respeitáveis senhoras bracaraenses, — *senhoras* em toda a extensão da palavra e não — «damas á americana» — como, com muito espirito — as classificava ha tempos o conceituado jornal «*Diario do Minho*».

Sabem o que faz este inteligente animal? — *Protesta* a seu modo — e devéras significativamente contra o abuso de certos trajos no qual, dominadas pela... *americanice* das modas, tantas jovens — e até as que já o não são!! — que realmente são dignas e honestas e até muitas com sentimentos religiosos, — infelizmente e, por certo inconscientes do mal que fazem, estão incorrendo.

Ora o Sourir — habituado só com *senhoras... á antiga*, quando vê passar *damas vestidas á americana* — olha-as indferentemente — com desprezo talvez, — foge, se dele se aproximam e... se tentassem acaricia-lo, naturalmente *rosnavalhes*... — porque um cãesinho *civilisado* como ele... não ignora que «numa mulher não se bate nem com uma flôr» — como dizem os arabes... portanto, (*pensará consigo*) «não se lhe morde tambem... ainda que trajem... a capricho... — a não ser em defeza propria».

Ora se por acaso vê uma senhora, embora inteiramente desconhecida para ele, — *vestida como tal* — manifesta logo a sua alegria dando á cauda e dirigindo-se-lhes a festeja-las entusiasticamente... *a seu modo* — já se vê, — o que al-

gumas vezes, tem chegado a assustar as senhoras que não conhecendo este significativo particular — do inteligente animal — não sabem a que attribuir a *manifestação de simpatia* de que são alvo, acabando por o achar engraçadissimo quando os Donos, para as tranquilisar, têm que intervir... *pedindo desculpa* e dando esta explicação, que é exactissima!

Quantas, conhecendo este facto — cuja autenticidade garanto — hão-de



VILA VERDE — Campo da Feira

pensar na moralidade que o admiravel Lafontaine sabia tirar e devidamente aplicar — das suas belas e apreciadissimas Fabulas!

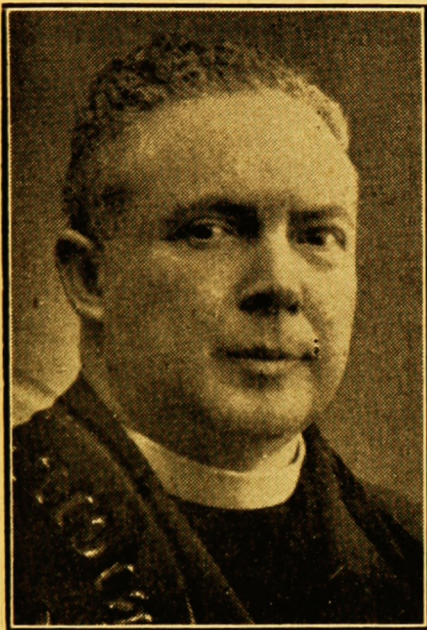
E como, segundo os francezes «*A bon entendeur, salut!*» — escrevendo para senhoras inteligentes e cultas como as gentis leitoras da Ilustração — nada mais é necessario acrescentar a não ser a afirmativa de que não é *uma Fabula* — mas um caso verídico o que acabo de contar.

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.

P.^e José Manuel Ribeiro Braga

No domingo ultimo desapareceu do numero dos vivos, uma das figuras muito distinctas do clero desta cidade, o rev. P.^e José Manuel Ribeiro Braga. Teve morte repentina, facto este que contristou profundamente todos os amigos e admiradores do saudoso sacerdote.

O saudoso extincto que contava 47 anos de idade, foi um jornalista



muito distincto e orador sagrado, que tambem marcou, no meio bracarense, sendo tambem muito conhecido na diocese de Braga.

Foi tambem um jornalista muito apreciado, tendo

sido redactor da «Voz da Verdade», e correspondente do «Comercio do Porto» cargo este que exerceu durante 20 anos. Ultimamente era administrador delegado da empresa do «Diario do Minho», onde prestou relevantes serviços generosamente.

Teve um funeral que foi duma imponencia e de alta significação. Nele tomaram parte não só o clero, como os representantes de todas as instituições de Braga, negociantes, capitalistas e nomeadamente todos os seus amigos, que eram aqueles que, em vida, com ele tratavam e apreciavam as suas peregrinas qualidades de espirito e de character.

Que descanse em paz no seio de Deus, o nosso saudoso e querido amigo.

O DEFUNTO E O MATERIALISTA

Principiando o padre Lacordaire as conferencias que, sobre a immortalidade da alma, ha alguns anos, fazia aos alunos de Sorèze, contou-lhes o facto seguinte, que vamos reproduzir, o mais fielmente que nos for possivel.

O principe polaco X.*** incredulo e materialista decidido, acabava de compôr uma obra contra a immortalidade da alma; estava quasi a mandal-a imprimir, quando, um dia, passeando no seu jardim se lhe lançou aos pés banhada em lagrimas uma mulher, que lhe disse com a mais profunda dôr:

— Meu bom principe, meu marido acaba de espirar. Neste momento, talvez que a sua alma esteja no purgatorio; ele soffre. Eu sou tão pobre que nem ao menos tenho com que lhe possa mandar dizer uma missa. Sois tão bom, valei-me para que eu possa dar este alivio á alma do meu marido.

Ainda que este principe estava convencido de que esta mulher estava enganada em consequencia da sua credulidade, não se atreveu contudo a desprezal-a, procurando entre o dinheiro, encontrou uma moeda de ouro e deu-lh'a; feliz mulher correu á igreja e entregou-a ao padre para que este suffragasse a alma de seu marido.

Tres dias depois, pela tarde, estando o principe no seu gabinete, relia o seu manuscrito, e retocava-o em alguns pontos, quando ouviu um pequeno rumor; levanta os olhos e vê na distancia de dois passos um homem vestido como os camponeses do paiz. Surpreendido e irritado pelo atrevimento deste importuno, ia levantar-se e falar, quando o incognito desapareceu. Logo o principe, chamando o criado lhe pergunta:

— Para que deixas entrar estas pessoas sem me dares parte?

— Que pessoas? Ihe responde ele.

— Este homem, este camponez, que acaba de sair do meu gabinete.

— Mas, Senhor, lhe respondeu o criado, nós não consentimos que ninguém entre sem licença, e nenhuma pessoa estranha entrou em casa.

Desarmado com estas respostas e convencido comtudo de que era alvo

dizer uma missa pelo descanso da minha alma. Esta obra de caridade foi do agrado de Deus, e foi Ele que me permitiu que vos viesse agradecer, e que vos viesse afirmar que ha uma outra vida, e que a alma é imortal. Pertence-vos agora utilizar-vos do favor que se vos faz. Acabadas de proferir estas pala-

avras, desapareceu o camponez polaco. A sensação do principe era extrema; abatido, não podendo respirar, chama todos os seus criados e conta-lhes entre lagrimas o que acaba de se passar. Imediatamente reclama a auctoridade dos homens mais conspicuos do paiz, querendo fazer constar este acontecimento com as maiores provas. Porém o que mais convenceu as pessoas que se achavam



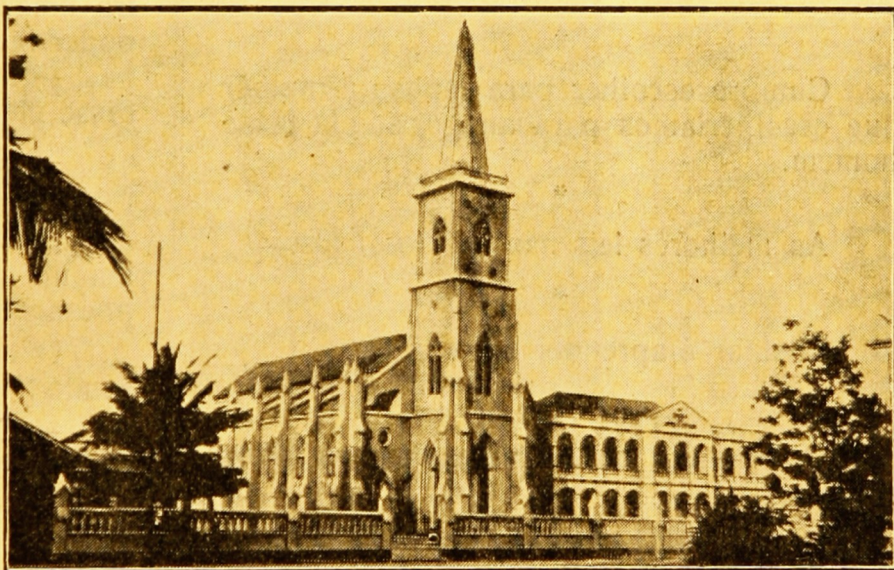
AMATONGAS — Missões Franciscanas — Depois da Catequese.

de algum engano, o principe calou-se. No dia seguinte, já não se lembrava disto, quando á mesma hora e no mesmo lugar, o incognito da vespera tornou a aparecer, mas sem proferir uma palavra. Desta vez a irritação do fidalgo chegou ao seu auge, e levantando-se para agarrar o desconhecido, vê-o desaparecer outra vez.

Indagações, as mais minuciosas diligencias, nada poderam descobrir, e ninguém soube dar explicação deste aparecimento. O principe esperou para o dia seguinte, mas desta vez com uma certa preocupação e bem decidido a acabar com o atrevido importuno.

E com efeito, no terceiro dia, renovava-se a aparição. Desta vez, antes que o principe proferisse uma só palavra, falava-lhe assim o desconhecido:

— Principe, venho agradecer-vos. Eu sou marido daquela pobre mulher que vos suplicava, ha poucos dias, que lhe desseis uma esmola para mandar



BEIRA — Missões Franciscanas — Igreja Paroquial construida pelos Franciscanos.

presentes, e o que a nós pareceu mais concludente, foi a destruição que fez da sua obra contra a immortalidade da alma, e a sua não desmentida conversão.

Meio de haver dinheiro

Precisando a Inglaterra de dinheiro para pagar á tropa, e havendo esgotado quasi todos os seus recursos, lançou mão dum meio singular para chegar ao seu fim. Ordenou o Parlamento a 2 de Março de 1644, se privasse cada familia de jantar uma vez por semana, e entregasse ao tesouro o que tal jantar lhe haveria custado.

Se fôrdes pobre, assignalai-vos pelas virtudes; se fôrdes rico, assignalai-vos pelos beneficios.

*

O que é verdadeiro á luz da lampada, nem sempre o é á luz do sol.

*

Na educação das crianças, os modelos são mais necessarios do que as criticas.

*

A polidez é a flôr da humanidade. Quem não é bastante polido, não é bastante humano.

*

A graça imita o pudor, como a polidez imita a bondade.

*

Quando os meus amigos são cegos de um dos olhos, eu os fito de perfil.

*

Cumpre escolher para esposa a mulher que escolheriamos para amigo, se ela fosse homem.

*

As melhores leis nascem dos usos.

*

Ensinar é aprender duas vezes.

*

O belo é a beleza vista com os olhos da alma.

*

Onde não ha delicadeza não ha literatura.

*

O gosto é a consciencia literaria da alma.

*

Os velhos representam a majestade do povo.

*

A mesma crença une mais os homens do que o mesmo saber; isso succede, sem duvida, porque as crenças vêm do coração.

*

Tudo se aprende, mesmo a virtude. Os bons sentimentos nada valem, se não se transformam em boas acções.

Mulher decidida

Em Saint-Germain des Prés, Paris, realiza-se a primeira comunhão. Por prudencia, muitos dos jovens, que iam comungar, levavam fatos de côr, e ainda alem d'isso alguns iam muito bem acompanhados. Uma pobre mulher do povo, só com a sua filhinha, acompanha esta toda vestida e coberta de branco. Encontrando-se com outras que iam muito bem guardadas e receiosas, disse-lhes assim: — «Não tenham medo; se insultarem a minha filha, eu lhes darei o troco; o primeiro que lhe dirigir meia palavra leva com uma pedra entre os olhos.» E mostrou a sua algibeira cheia de pedras.

O sabio admirado

Achava-se um sabio no seu gabinete procurando a solução de alguns problemas de mecanica assaz complicados, quando entra uma criancinha e lhe pede licença para poder levar algumas brazas da sua brazeira.

— Mas não tens em que as lavar, lhe disse ele.

— Não tem duvida, respondeu a rapariga, eu cá me arranjarei.

Dito e feito; aproxima-se do lume, toma um punhado de cinza fria, sobre a qual põe umas brazas.

O *sabio admirado* fecha os livros, dizendo:

— Com todo o meu saber, por certo que eu não era capaz de fazer outro tanto.

Os cabos não são homens

Um soldado, a quem os vapores da pinga haviam escandecido a cabeça, teve seus dares e tomares com um cabo, chegando até a perder-lhe o respeito, pois lhe disse:

— Cale-se lá que nem homem é.

— Eu te provarei o contrario, disse o cabo.

Quem deu lá isso? disse o soldado; não é capaz. Olhe, quando pela manhã (isto passava-se de tarde, que é quando ordinariamente se fazem as libações perigosas) o comendante está a distribuir as guardas, diz assim: para a guarda do quartel 6 homens e um cabo; para a da cadeia 4 homens e um cabo etc. De sorte que *os cabos não são homens*.